

Jornal A Tribuna, de Santos (SP)

Segunda-feira, 22 de Junho de 2009



Mais perto do que se imagina

Da Redação

Não são apenas as estradas que podem ser consideradas vulneráveis à exploração sexual infanto-juvenil. As rotas desse submundo estão mais perto do que se imagina. O Porto de Santos, o maior da América Latina, foi indicado como um dos lugares onde a exploração sexual comercial de crianças e adolescentes mais se evidenciou.

A informação consta da pesquisa O Perfil do Caminhoneiro do Brasil, publicado pelo Instituto WCF-Brasil, o braço brasileiro da World Childhood Foundation, criada pela Rainha Sílvia, da Suécia, que trabalha pela proteção da infância. Basta cair a noite para se constatar que o local é ambiente propício para a exploração sexual criminoso. Com uma iluminação precária em diversos trechos e vários caminhões estacionados, a zona portuária favorece a prostituição de modo geral. Um pouco mais de atenção e é possível perceber que no meio de mulheres e travestis estão crianças e adolescentes. A Tribuna presenciou uma dessas lamentáveis cenas na última quinta-feira. Em frente ao Armazém 3, na Avenida Tuiuti, com pés descalços e usando pouca roupa apesar do frio, a menina parecia alucinada. Entrou na boleia de um caminhão. O motorista fechou a cortina. Dez minutos depois, saiu. Foi para outro veículo, tentando abrir a porta. Não conseguiu. Quis fazer o mesmo, mais uma vez, sem sucesso. Voltou, então, para o primeiro, onde ficou por mais um tempo. Saiu correndo e desapareceu nas escuras e empoeiradas avenidas do cais santista.

RISCO ALTO

"Os lugares onde a exploração sexual de crianças e adolescentes foi mais notada foram um posto da cidade de Belém e o Porto de Santos. Nesse último local, os entrevistadores optaram por permanecer apenas um turno, dado o clima de insegurança e desconfiança", aponta o levantamento. Porém, a menina vista pela Reportagem e tantas outras que se expõem não têm medo. E isso fica evidente com os dados da pesquisa, que ouviu 239 caminhoneiros de todo o Brasil.

De acordo com as respostas dos motoristas, a exploração sexual infantil acontece em primeiro lugar no Nordeste (78,1%), seguido do Norte (30,6%). "Na Região Sudeste, apontada em 17,9% das respostas, destaca-se o Estado de São Paulo, sobretudo a região da Baixada Santista, caracterizada por sua zona portuária", constata o perfil. O objetivo da pesquisa, de acordo com a coordenadora do programa Na Mão Certa, um dos projetos desenvolvidos pela WCF-Brasil, Anna Flora Werneck, foi entender o universo do caminhoneiro em diversas frentes, para poder combater e trabalhar com eles diversas temas, inclusive, a questão da exploração sexual. Numa escala de 1 a 5, os pesquisadores quiseram saber dos caminhoneiros como eles observavam e vivenciavam essa questão em postos e estradas. "As médias são mais altas para afirmações que dizem respeito à existência da prostituição de adultos e da exploração comercial infantil, mas, de maneira geral, referente a uma terceira pessoa (colegas de profissão) e não a si próprio. Quando perguntados sobre sua própria experiência, essa média diminui", revela o perfil. O levantamento mostra que os valores cobrados por um programa com crianças e adolescentes menores de 18 anos variam de R\$ 11,68 a R\$ 23,80. O valor mínimo apontado pelos participantes foi de R\$ 1,00 e o máximo, de R\$ 200,00. Na opinião de entrevistados que saem com essas meninas, muitos enfatizam "que é a mesma coisa" que o sexo com mulheres adultas e que elas "têm tudo no lugar". A questão da idade foi ressaltada pelos caminhoneiros. Muitos afirmam ser impossível saber, pois as meninas mentem quando perguntadas. "Ela entrou no caminhão. Ele pediu os documentos e ela disse que não tinha. Ela disse ter 19 anos, mas mesmo assim ele topou", relatou um entrevistado sobre um colega. Muitos motoristas afirmaram nunca sair com crianças ou adolescentes. Para justificar, a maioria (20,8%) respondeu que sabe que é errado e é contra essa prática. Os caminhoneiros (18%) também citaram o respeito por essas jovens, uma vez que elas poderiam ser suas filhas ou netas. "Tenho família. Penso que não se faz com os outros o que não se quer para gente", relatou um caminhoneiro. Além da questão sexual, o Perfil do Caminhoneiro também mostrou como esses profissionais encaram o direito das crianças e adolescentes, mostrando que 68% deles conhecem o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Apesar disso, apenas 1,3% dos entrevistados já utilizou alguma vez o Disque Denúncia. "Por isso criamos o programa Na Mão Certa, para trabalhar no engajamento das empresas privadas no enfrentamento da exploração sexual na sua cadeia de valor.

É um trabalho de educação continuada e sensibilização dos caminhoneiros. Como eles estão na estrada, são as pessoas que mais têm condição de olhar o problema e nos ajudar a entender, além de virar agente de proteção", revela Anna Flora Werneck.

Centro de Santos, triste realidade

Da Redação

Coordenadora do Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Seres Humanos da Secretaria de Justiça e Cidadania do Estado de São Paulo, Anália Belisa Ribeiro explica que o mapeamento levantado pela secretaria ainda apontou rotas do comércio sexual infantil em todas as cidades da região. "No Litoral Norte, São Sebastião e Caraguatatuba; no Litoral Sul, de Bertioga até São Vicente".

Conforme Anália, essa rede envolve rotas específicas. "Essas áreas estão muito ligadas ao turismo do sexo. Entroncamentos rodoviários, portos, bares, agências de viagem, hotéis, há toda uma rota muito bem formada". Não é preciso ir muito longe. No Centro de Santos, basta rodar pelas ruas e avenidas para constatar a presença dessas meninas. Na Avenida Senador Feijó, sentadas em soleiras, várias adolescentes esperam por programa. Nos bares e lanchonetes não é diferente. Por volta das 21 horas, um motociclista para em frente a um bar. A menina, que não tem mais do que 16 anos e está na porta, se aproxima. Conversam durante um tempo, mas o programa não acontece. Ela escapou dessa vez. Na Rua João Pessoa, próximo à Igreja Nossa Senhora do Rosário, outra jovem. Ela afirma ter 19 anos e desconfia das perguntas feitas pelo fotógrafo Davi Ribeiro. "Por que você quer saber? Vai querer ou não?" Diante da negação dele, sobe as escadas, visivelmente irritada.

Thaís Lyra